



A CONCLUSÃO DE BRASÍLIA

OSCAR NIEMEYER

P edem-me, mais uma vez, falar de Brasília, e agora por ocasião de seu aniversário. Um momento em que o lado mais favorável das coisas deve ser mencionado.

Não vou falar, por exemplo, da falta de estacionamentos, das áreas abertas que vão sendo ocupadas, dos anúncios que aparecem nos prédios públicos, ofendendo sua arquitetura, nem — o que mais me espantou — das barracas com lonas que surgiram pela Praça dos Três Poderes. Uma praça cívica que até agora tem merecido o respeito indispensável.

Não vou falar tampouco da minha arquitetura, mas agrada-me sentir que ela é diferente, que cria surpresa, que os que visitam o Eixo Monumental podem gostar ou não de seus palácios, mas nunca dizer terem visto antes coisa parecida. E isso na arquitetura é fundamental.

Prefiro falar do entusiasmo com que nossos irmãos de Brasília defendem esta cidade, dizendo — é o que sem-

pre escuto — que dela não mais pretendem sair, contentes com o plano urbanístico que o Lucio com tanto talento criou. Das zonas habitacionais tão bem estruturadas, deste céu imenso de Brasília, da terra plana, horizontal, que o levou a afirmar ser a minha arquitetura a própria paisagem.

Prefiro lembrar JK, que, com tanta determinação, construiu a nova capital, Israel Pinheiro, um dos principais responsáveis pela sua inauguração no prazo fixado, José Aparecido de Oliveira, que, apesar do pouco tempo que teve, à frente do Governo do Distrito Federal, soube demonstrar que as cidades-satélite mereciam coisas melhores que as tornassem mais independentes. E recordar dos velhos companheiros que comigo trabalharam naquela terra ainda abandonada — um velho, quase impossível sonho de JK. Os operários, nossos irmãos, que de toda parte para Brasília acorreram nessa ânsia de uma vida mais digna que até hoje não lhes permitiram.

Prefiro ainda poder dizer que a atuação do governador Roriz abre uma nova e tão desejada etapa na vida

desta cidade, completando o Eixo Monumental. O grande museu, uma cúpula com 80m de diâmetro — um exemplo, pelo seu arrojo, do progresso da nossa engenharia —, formando conjunto com a biblioteca, que tanta falta fazia a esta cidade. E, do outro lado, o prédio destinado aos grandes espetáculos musicais, os cinemas, etc.

São obras que a competição política tão abjeta, como aconteceu com a própria construção de Brasília, tentou prejudicar, mesmo se sabendo como eram úteis, indispensáveis à vida da cidade.

É claro que o povo brasileiro sentiu tudo que ocorria, e que a conclusão do Eixo Monumental devia há muito, muito tempo, estar resolvida.

Releio este texto, redigido às pressas para atender aos que o solicitaram. Um desabafo de quem conheceu a cidade como a grande esperança de JK e gostaria, como ele, de vê-la concluída finalmente.

OSCAR NIEMEYER É ARQUITETO